

Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Graduação em Música PARFOR da Universidade Estadual de Maringá

Simpósio

Andréia Pires Chinágli de Oliveria
Universidade Estadual de Maringá
andpoliveira@hotmail.com

Cássia Virgínia Coelho de Souza
Universidade Estadual de Maringá
cvcoelhosouza@gmail.com

Vânia Gizele Malagutti
Secretaria de Educação do Estado do Paraná - SEED/PR
vmalagutti@hotmail.com

Resumo do simpósio: O Simpósio apresenta três experiências de professoras formadoras no Curso de Licenciatura PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores. O primeiro texto - O estágio supervisionado I no curso de Música Parfor UEM - apresenta como acontecem as três disciplinas de estágio supervisionado no curso ressaltando a experiência tida com a turma de 2015. Com base em parte de relatos solicitados aos licenciandos a autora esclarece o processo na disciplina e a indicação que os estudantes estão bastante satisfeitos com os resultados de seus estágios, que lhes permitem atuações mais conscientes e melhoradas a cada dia. O segundo texto - Experiência Musical no Estágio Curricular Supervisionado do Curso PARFOR da Universidade Estadual de Maringá - é elaborado a partir de uma reflexão sobre a atividade de orientação de estágio dando ênfase para a particularidade dos alunos terem que assumir o estágio com pouca bagagem musical acadêmica e conhecimento sistematizado de música. A comunicação ressalta a importância da reflexão sobre a prática de professores sempre, para que seu desenvolvimento seja contínuo. O terceiro texto - Estágio no PARFOR: reflexões acerca de experiências como orientadora e estagiária - emerge da experiência de orientadora nas disciplinas de Estágio Supervisionado do curso de Música, no PARFOR, e da experiência como orientanda de estágio no curso de Artes Cênicas, também do PARFOR. O Estágio Supervisionado configura-se como um momento e espaço formador, capaz de despertar a crítica reflexiva devido às suas tensões, além de possibilitar um repensar das práticas dos professores na sua área de atuação.

Palavras chave: Parfor, Estágio Supervisionado, Música.

O estágio supervisionado I no curso de Música Parfor UEM

Andréia Pires Chinaglia de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá
andpoliveira@hotmail.com

Resumo: Este texto relata parte de relatos dos licenciandos da terceira turma do curso de música - 2º licenciatura - modalidade PARFOR da Universidade Estadual de Maringá - UEM, com o objetivo de conhecer como os licenciandos avaliam sua formação prático-pedagógica por meio do estágio supervisionado I. Nele apresento como aconteceu o estágio supervisionado nessa turma e, por meio dos relatórios de aula e de reflexões feitas nas aulas teórico-práticas, os licenciandos fizeram uma avaliação a respeito dos estágios. Eles destacam que o estágio é uma disciplina primordial, pois nela aprendem a ser professores de música. Eles também afirmam que se preocupam com o tipo de aula de que vão ministrar nos estágios. Por não terem conhecimento musical anterior, ficavam com receio de que as aulas fossem muito superficiais. Porém, afirmam que estar bastante satisfeitos com os resultados dos estágios, pois a formação que estão recebendo nas aulas práticas juntamente com as reflexões de suas ações pedagógicas com os orientadores e as trocas de experiências entre os colegas num processo de colaboração vem permitindo que atuação seja mais consciente e melhorada a cada dia.

Palavras chave: Educação Musical, estágio supervisionado, Parfor.

Introdução

Este texto é parte inicial do simpósio que tem por objetivo apresentar parte dos resultados de uma pesquisa exploratória sobre o curso de música - 2ª licenciatura - na modalidade PARFOR, da UEM. Nele apresento inicialmente, como as disciplinas de estágio I, II e III estão organizados para acontecer, apresentando seus objetivos, carga horária e o cronograma da disciplina. Em seguida discorro sobre como realmente se deu a disciplina de estágio supervisionado I na turma de 2015 destacando as atividades desenvolvidas nas disciplinas, bem como a elaboração dos planos e relatórios de aula, relatando os pontos de vista dos alunos com relação ao trabalho desenvolvido e a aprendizagem do ser professor de música.

Apresentando o estágio supervisionado no curso de Música PARFOR UEM

O curso Parfor foi lançado em 2009 com a finalidade de fomentar a oferta de cursos de formação para os professores da educação básica, em exercício, da rede pública de ensino. Constitui-se em uma ação emergencial, realizada pelo MEC por intermédio da CAPES, em colaboração com instituições de Educação Superior (IES) e as secretarias de educação estaduais, municipais. O programa visa fomentar a oferta de turmas em três modalidades: Licenciatura, 2ª Licenciatura e Formação Pedagógica.

O curso de música Parfor UEM enquadra-se na segunda licenciatura. Esse formato dispõe de diretrizes específicas que orienta sua estrutura, carga horária e tempo de duração. Partindo-se do princípio que o licenciando desse curso já possui uma licenciatura, no curso de música ele cursará as disciplinas que são específicas do novo curso, por isso, o tempo de duração será de 2 anos. As disciplinas são ofertadas em módulos aos sábados, e no período de férias em tempo integral.

Dessa forma, no curso de Música Parfor UEM, a disciplina de estágio supervisionado apresenta algumas especificidades em sua estrutura e carga horária com relação ao estágio do curso regular. A disciplina acontece de forma modular em três etapas sendo estágio supervisionado I ministrado no segundo semestre do curso, estágio supervisionado II ministrado no terceiro semestre e estágio supervisionado III ministrado no quarto e último semestre do curso. Possuem uma carga horária total de 360h sendo 120h para o estágio supervisionado I, 120h para o estágio supervisionado II e 120h para o estágio supervisionado III incluindo aulas teóricas, orientações e a prática do estágio na escola.

Tanto a carga horária como a ementa e objetivos das disciplinas seguem a nova reforma curricular e tem como principais objetivos fornecer a formação do professor, através da análise e síntese dos conteúdos trabalhados, visando uma atuação crítica, transformadora, fundamentada no conhecimento científico, articulando a teoria com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico; promover a compreensão conceitual dos distintos modos de estruturar a educação musical no sistema educacional brasileiro (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) com atividades práticas articuladas entre os sistemas de ensino e instituições educativas de modo a propiciar vivências nas diferentes áreas do campo

educacional, assegurando aprofundamento e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos; desenvolver estágio supervisionado - projeto e prática pedagógica - em educação musical na educação básica; desenvolver projeto de aulas de música na escola integrando os conhecimentos construídos durante a segunda licenciatura; aprimorar o planejamento de aulas de música a partir dos resultados empíricos de cada unidade didática e dos estudos teóricos sobre professor reflexivo; analisar e elaborar material didático em concordância com o espaço de atuação, e seus desdobramentos; escrever relatos de experiência, buscando analisar a prática pedagógica, com fundamentação teórica que contemple relações entre concepções de ensino de música, e os procedimentos utilizados em aula.

As disciplinas de estágio I, II e III são ministradas por dois ou três professores, dependendo da quantidade de alunos inscritos, uma vez que cada professor tem no mínimo 5 e no máximo 12 orientandos. As aulas teóricas e orientações do estágio I e II acontecem quinzenalmente aos sábados com carga horária de 5h/a e do estágio III são mensais com 5h/a, aos sábados também.

A prática de ensino vinculada a disciplina estágio supervisionado num curso de licenciatura, oportuniza ao estudante colocar em prática os parâmetros de aprendizado vividos em sala de aula no seu período de formação docente (BONA, 2013). Segundo Mateiro (2014), o estágio é um espaço que possibilita que o licenciando observe, analise, atue, reflita sobre as ações que realiza em sua profissão. A autora ainda complementa que essas ações, inseridas na prática de ensino faz do estágio uma “experiência de campo e em campo que permitirá ao licenciando experimentar a prática de ensinar e se comprometer com a profissão de ser professor” (MATEIRO, 2014, p. 21).

A prática do estágio na sala de aula também tem algumas particularidades. No estágio supervisionado I e II os alunos realizam a prática do estágio nas escolas onde trabalham e em turmas que já são professores. Normalmente realizam o estágio no horário da aula de artes, mas às vezes, quando não ministram aulas de artes na escola, utilizam parte da carga horária da disciplina que ministram desenvolvendo um trabalho interdisciplinar.

A carga horária da prática do estágio I na sala de aula é de 8h durante o semestre, sendo 1h por semana. Já a carga horária da prática do estágio II na escola é de 12h semestrais também com 1h semanal. Para cada estágio que vão realizar os

licenciandos elaboram um plano de ensino de acordo com o conteúdo/tema que escolheram e com a turma que vão atuar. Com relação ao público alvo, os estágios I e II podem ser realizados na mesma turma ou em turmas diferentes, dependendo do foco de trabalho que o licenciando escolheu para desenvolver.

O estágio supervisionado III é realizado de outra forma. A carga horária é menor e os alunos não realizam o estágio na escola. Nesta etapa, os alunos são divididos em grupos (a quantidade de pessoas e de grupo dependem da quantidade de alunos que estão frequentando o curso) e elaboram um mini curso oferecido à comunidade externa e interna da UEM.

Cada grupo que se forma escolhe uma temática diferente que pode ser: canto coletivo, música na ed. infantil, construção de instrumentos, entre outros que eles consideram relevantes e que tem afinidades de trabalho. Durante o semestre, nas aulas teórico-práticas, os grupos preparam todo o mini curso, traçando seus objetivos, carga horária, público alvo, conteúdos, atividades a serem desenvolvidas e fazem uma prévia do mini curso com os colegas da sala, experimentando algumas atividades.

Além disso, faz parte do estágio III a elaboração de um artigo referente à experiência pedagógico-musical vivenciada no estágio. A proposta de escrever um artigo está relacionada a importância de oferecer aos alunos a experiência da escrita acadêmica. Os alunos são motivados a submeterem seus artigos em eventos que às vezes, são publicados.

Como aconteceu o estágio supervisionado I na turma de 2015

O curso de música Parfor UEM está com a terceira turma em andamento, que iniciou o curso em outubro de 2015. Nesta turma, os alunos realizaram o estágio no segundo semestre do curso o que corresponde ao primeiro semestre de 2016. As aulas de estágio iniciaram em março e finalizaram em agosto e aconteceram quinzenalmente aos sábados. Nesta turma tivemos 16 alunos matriculados, mas somente 14 alunos frequentaram a disciplina de estágio supervisionado I. Duas professoras dividiram a disciplina teórica bem como as orientações, com 7 orientandos para cada professora, sendo eu uma delas.

Os alunos realizaram o estágio nas escolas que já são professores e em turmas que já atuam. Tivemos uma aluna que atuou na educação infantil, 6 alunos que atuaram no ensino fundamental 1, 6 alunos que atuaram no ensino fundamental 2,

uma aluna que atuou no CEBEJA. Dos que atuaram no ensino fundamental 2, dois alunos realizaram projetos extracurriculares na escola por não estarem atuando em sala de aula.

Os alunos tiveram que elaborar um plano de ensino no qual destacavam o tema das aulas, objetivos, local de realização do estágio, justificativas, fundamentação teórica, metodologia, cronograma. Com isso tiveram uma ideia do que iriam trabalhar nos seus estágios. Os temas que os alunos optaram para realizar nas aulas foram variados: canto coletivo (5), violão coletivo (1), iniciação musical (6), música para bebês com deficiência (1), música para adolescentes com deficiência (1).

A partir disso os alunos começaram a escrever seus planos de aulas semanais. Mesmo as aulas sendo quinzenais os alunos receberam orientações semanais para realizarem a prática do estágio na escola por meio de troca de emails ou encontros pessoais com as orientadoras dependendo da necessidade de cada estagiário.

Segundo Romanelli (2006), “o planejamento é, muitas vezes considerado o primeiro passo da atividade docente.” (ROMANELLI, 2006, p.131). Além de um planejamento bem elaborado, o educador deve estar atento à relação dos alunos com as vivências experimentadas em grupo para que tenham sentido com a sua realidade. Conforme Romanelli (2006) é fundamental que o “planejamento apresente os objetivos, os conteúdos e os procedimentos metodológicos do ensino relacionado às exigências educacionais com a realidade dos alunos” (ROMANELLI, 2006, p.131).

Uma vez que nem sempre as orientações aconteciam pessoalmente, a elaboração dos planos de aula deveria apresentar os conteúdos abordados, objetivos e metodologia das atividades que deveriam apresentar bastante clareza para que nós orientadoras pudéssemos visualizar a aula planejada. Muitos alunos não tinham muito hábito de planejar com detalhes como estávamos pedindo, mas seus depoimentos sobre isso foram positivos refletindo uma satisfação na elaboração dos mesmos:

Ter segurança nas atividades planejadas, saber bem o conteúdo a finalidade que se pretende chegar ao fim de cada aula, desenvolver uma previsibilidade para elaboração das aulas vindouras, relacionando um assunto com outro, uma aula com a outra, gerando um plano com começo meio e fim, é importante para proporcionar uma vivência musical mais eficiente. (relato 1)

O estágio tem como função preparar o graduando na parte prática, para o mercado de trabalho. Os planos ajudam a dar mais experiência

e prever para possíveis imprevistos em sala de aula. Permite uma experiência de planejar aulas, testá-las e modificá-las se necessário. Também permite autoavaliação e correção de postura, e de como apresentar as definições da linguagem musical. (relato 2)

Observei, particularmente em meus orientandos que eles utilizavam como repertório canções que estavam aprendendo nas aulas de canto coletivo, ou ainda nas outras disciplinas práticas que eles tem no curso, porém a maioria buscava atividades diferenciadas, pesquisavam materiais diferentes, confeccionavam materiais didáticos para usar nas aulas para trabalhar respiração, percepção. Assim, o planejamento pode levar o professor a uma prática docente mais consciente, responsável e competente, uma vez que possibilita, segundo Hentschke e Del Ben, que o professor estabeleça um diálogo com a situação que vai atuar e reflita sobre ela. Segundo as autoras “a importância do planejamento está justamente no fato de ele ser uma projeção daquilo que queremos daquilo que pretendemos em relação ao ensino e de como ele poderá ser realizado em sala de aula.” (HENTSCHKE e DEL BEN, 2003, p. 178).

Da mesma forma, os relatórios das aulas devem ser bem detalhados e quando possível com as gravações das aulas. O detalhamento na escrita e as gravações são as principais fontes de informações dos trabalhos desenvolvidos na escola, uma vez que como a maioria dos orientandos são de outra cidade e os estágios realizados acontecem nas cidades deles, nós professoras formadoras não temos condições de acompanhá-los pessoalmente. Com relação aos relatórios, muitas vezes precisamos pedir para que os alunos refizessem, pois não estavam com tantos detalhamentos e algumas atividades ficavam sem muita explicação de como tinha ocorrido, mas prontamente os alunos refaziam e se mostravam dispostos a melhorar este aspecto. Alguns orientandos declaram que os relatórios deram trabalho para fazer, pois não estavam acostumados a escrever com tantos detalhes, mas entenderam a importância de ser assim:

Achei bastante trabalhoso fazer os relatórios como nossas orientadoras solicitaram. Mas como elas não nos acompanham nos estágios e eu não posso gravar minhas aulas porque a escola não permite, entendi que deveria ser bem detalhista mesmo. (relato 3)

Depois que mandei o primeiro relatório minha orientadora devolveu pedindo que eu descrevesse melhor as atividades desenvolvidas. O primeiro relatório deu trabalho para fazer até que entendi como a professora queria. A partir dele eu procurei assim que terminava minha

aula já escrever para não esquecer de nada, e as coisas estavam bem vivas na minha cabeça ainda. (relato 4)

Tanto os planos de aula quanto os relatórios sendo bem descritivos foram importantes para que as orientações fluíssem e, a partir disso, nós mesmos já percebíamos onde e o que deveria ser melhor orientado a fim de que as aulas de música acontecessem na escola de forma mais eficaz. O planejamento é importante para que o professor possa pensar e elaborar sua prática antes de realizá-la e o relatório permite que aconteça uma reflexão sobre como se deu a prática e o que precisa ser melhorado. Hentschke e Del Ben (2003) fundamentam esta questão quando colocam que “planejar é antecipar ou representar algo que virá a ser realizado; é prever uma ação antes de realizá-la” (HENTSCHKE E DEL BEN, 2003, p. 177).

As aulas teóricas de estágio que frequentaram na universidade, apresentaram um caráter teórico-prático. Isso porque elas se caracterizam - além das orientações individuais e das discussões teóricas - em um laboratório pedagógico-musical, onde os alunos experimentam suas propostas dos planos de aula e atividades musicais com a turma a partir da aplicação de microaulas.

Essas experiências são importantes porque desenvolvem entre eles o aspecto colaborativo por meio das trocas de ideias entre os colegas. Ouvem e dão sugestões, compartilhando o que acharam das atividades, se tiveram facilidade ou dificuldade, como poderiam fazer com outras turmas, o que daria para acrescentar ou tirar. “O plano pode ser transformado, recriado, abandonado ou substituído durante sua implantação.” (HENTSCHKE e DEL BEN, 2003, P. 178). Dessa forma, há uma autoavaliação do próprio licenciando com relação a sua proposta, o que conseqüentemente, o ajuda a melhorar o plano de aula e a dar-lhe mais confiança na aplicação da mesma.

Achei muito importante realizarmos as microaulas. O fato de ter as duas professoras tecendo seus comentários e mais os colegas me ajudou a ampliar minhas reflexões (relato 4)

Com relação as microaulas gostei muito de fazer. Tirei muitas dúvidas, termos que usava errado, melhorar minha postura ao aplicar as atividades, dar fluência na aula também ajudou muito (relato 5)

Além disso, os alunos realizam em duplas um trabalho com os artigos da revista MEB para apresentação, reflexão e para aplicar as atividades sugeridas a fim de ampliar o conhecimento musical, repertório, buscando uma diversidade de atividades. Após a aplicação das atividades realizamos uma reflexão em grupo e cada um expõe como poderia adaptar essa atividade à sua realidade.

Com relação a isso, todos os alunos descreveram que acharam muito válida essa dinâmica porque abriu perspectivas de novas atividades e os ajudou a aumentar o repertório musical:

As atividades que realizamos em duplas dos artigos da MEB foram ótimos. Me deu mais ideias de atividades. As reflexões que fizemos em grupo foram valiosas, cada um expôs como aplicar e adaptar as atividades nas turmas que faziam estágio (relato 6)

No começo quando as professoras pediram essa atividade da MEB achei que seria mais um trabalho que teríamos que fazer o que não me agradou. Depois que entendi o propósito, que era ampliar nosso repertório e atividades, percebi o qual enriquecedor foi para o meu processo de ser professor de música. (relato 7)

Eu gostei de muitas das atividades da MEB, cada vez que uma dupla aplicava já ficava pensando como eu poderia usar no estágio. Algumas eu consegui incluir no meu estágio. (relato 8)

Num geral, os alunos conseguiram finalizar seus estágios de forma bastante satisfatória. Eles relataram estar satisfeito com os resultados das aulas e com a atuação deles enquanto professor de música, mesmo sabendo de suas limitações e reconhecendo que, musicalmente, ainda tem muito para aperfeiçoar e melhorar. Mas, como orientadora, vejo que, mesmo com dificuldades, eles conseguiram realizar um bom trabalho musical na escola, visto que em seus relatos, na maioria das escolas houve um grande interesse pelas aulas de músicas. Muitos diretores ficaram satisfeitos com o trabalho realizado e pediram que os professores/estagiários continuassem com as aulas mesmo terminando o estágio. Isso evidencia que um trabalho musical bem direcionado e bem planejado, apresenta resultados positivos e dá uma boa visibilidade para a efetivação da música na escola.

Considerações

Observei, a partir do estágio realizado, que os licenciandos consideram a disciplina primordial no curso. Eles têm a preocupação e o cuidado em não levar algo

superficial para sala de aula. Nesse sentido, estavam sempre preocupados em construir um plano de aula com atividades que satisfizesse tanto os alunos quanto eles enquanto professores, priorizando atividades que tinham segurança em realizar e que os conteúdos musicais fossem melhor transmitidos. A maioria das atividades que eles aprendem nas aulas práticas do curso (canto coletivo, flauta, percussão, violão e piano), imediatamente já fazem uma relação de como podem aplicá-la para o estágio, de que forma podem adaptar para a turma e o tema que estão trabalhando.

Assim, a formação que estão recebendo no curso não fica desconectada da prática de ensino. Além disso, os licenciandos também têm liberdade para adaptar, inventar e criar a partir das práticas que aprendem, e eles dizem se sentir muito confortáveis com isso, pois a partir de uma atividade que não tenham gostado tanto, ou não entenderam direito, ou ainda que tenham tido certa dificuldade para realizá-la, ao modificá-la, eles reforçam aspectos musicais que sentem mais confiança em fazer e que entendem melhor. Com isso, a atividade passa a ficar significativa para eles porque levam para sala de aula, algo que aprenderam, entenderam e que sabem fazer bem.

As trocas de experiências com as microaulas também reforçam a formação e as reflexões sobre o ser professor de música. Ao discutir com os colegas e orientadores como determinada atividade poderia ser melhor aplicada e vivenciada pelos alunos na escola, refletem sobre suas ações buscando uma atuação mais consciente nas aulas de estágio e na sua formação.

Referências

BONA, Melita. A formação do professor de música e o estágio. In: *Revista Nupeart*, volume 11, 2013, Florianópolis, p. 14-33.

HENTSHKE, Liane e DEL BEN, Luciana. Aula de música: do planejamento e avaliação à prática educativa. In: HENTSHKE, Liane e DEL BEN, Luciana (org.) *Propostas para Pensar e Agir em Sala de Aula*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara. (Org.) *Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação espaços e formação*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ROMANELLI, Guilherme G. B. Planejamento de aulas de estágio. IN: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara. (Org.) *Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços e formação*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Experiência Musical no Estágio Curricular Supervisionado do Curso PARFOR da Universidade Estadual de Maringá

Cássia Virgínia Coelho de Souza
Universidade Estadual de Maringá
cvcoelhosouza@gmail.com

Resumo: O texto é elaborado a partir de uma reflexão sobre a atividade de orientação de estágio supervisionado no Curso de Licenciatura em Música PARFOR da Universidade Estadual de Maringá. A ênfase maior é dada para a particularidade dos alunos terem que assumir o estágio já no segundo semestre do curso, ainda com pouca bagagem musical acadêmica e conhecimento sistematizado de música iniciado há pouco mais de um semestre. A comunicação de experiência é dividida em duas partes: a primeira apresenta uma reflexão sobre o conhecimento musical como condição maior da formação do professor de música e a segunda faz um diálogo com a experiência de orientação de estágio.

Palavras chave: Experiência, Estágio Supervisionado, Docência em Música.

O PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores - é um programa do Governo Federal que visa proporcionar cursos de graduação específicos aos professores que já trabalham em uma determinada área, mas não têm a formação profissional. Os alunos são professores da região da universidade que oferece a licenciatura, atuantes nas redes públicas estadual e municipal. Os professores do curso são, normalmente, os docentes dos cursos regulares oferecidos pelas universidades, que recebem bolsas como motivação para fazerem o trabalho extra.

O curso de Licenciatura em Música PARFOR da Universidade Estadual de Maringá é uma segunda licenciatura, com duração de dois anos. Funciona aos sábados, alguns domingos, feriados e módulos concentrados nos períodos de férias letivas. Este tipo de cronograma foi estabelecido para que os professores estudantes e os formadores da universidade não tivessem prejuízo em suas atividades docentes regulares.

As disciplinas do curso pertencem aos núcleos que compõem o currículo da licenciatura: núcleo contextual, núcleo estrutural e núcleo integrador. No núcleo contextual encontram-se disciplinas voltadas à compreensão da sociedade, no núcleo estrutural disciplinas básicas do fazer musical. O estágio supervisionado é a disciplina

do núcleo integrador, pois é o locus do fazer completo do professor, onde se coloca em prática todas as formas de conhecimento.

A disciplina Estágio Supervisionado I tem 120h de duração e neste ano está sendo oferecida por duas professoras, sendo eu uma delas. Dos 7 alunos que ficaram sob a minha responsabilidade, 1 fez um curso de teclado, 1 estudou 10 anos de piano, 1 estudou um pouco de teoria e violão, 1 estudou sozinho flauta doce, 3 estudaram violão, que aprenderam sem professor. Até iniciarem o PARFOR, eles mantinham uma relação com a música como apreciadores ou utilizavam-na como instrumento didático nas aulas.

Neste texto faço uma reflexão sobre a atividade de orientação de estágio dando ênfase para a particularidade dos alunos terem que assumir o estágio já no segundo semestre do curso, ainda com pouca bagagem musical acadêmica e conhecimento sistematizado de música iniciado há pouco mais de um semestre. Para isso divido o texto em duas partes; uma, em que faço reflexão sobre o conhecimento musical como condição maior da formação do professor de música e outra que dialogo com a experiência de orientadora de estágio.

Experiência musical e a docência

As grandes transformações tecnológicas havidas nos últimos anos levam as pessoas a transformarem seus modos de aprender e se relacionar com o mundo, modificando as formas de aprendizagem e as necessidades do ensino. No entanto, há um elemento crucial para a aprendizagem, que continua sendo seu definidor, apesar das mudanças na sociedade. Este elemento, a experiência, é imprescindível para a educação. Tal como afirma Dewey, há um “consenso geral permanente quanto a pressuposto fundamental, ou seja, de que há conexão orgânica entre educação e experiência pessoal” (DEWEY, 1971, p. 13). Mas o autor adverte que experiência pode influenciar de várias maneiras a pessoa que aprende, produzindo insensibilidade, dureza e restringindo-lhe a participação social, como pode ser extremamente positiva. A dificuldade para o educador é saber proporcionar experiências que possam ser significativas para o educando, ultrapassando uma simples caracterização de ser vívida ou agradável.

a experiência pode ser imediatamente agradável e, entretanto, concorrer para atitudes descuidadas e preguiçosas, deste modo atuando sobre a qualidades das futuras experiências, podendo impedir a pessoa de tirar delas tudo que têm para dar. Por outro lado, as experiências podem ser tão desconexas e desligadas umas das outras que, embora agradáveis e mesmo excitantes em si mesmas, não se articulam cumulativamente. A energia se dispersa e a pessoa se faz um dissipado. (DEWEY, 1971, p. 14).

Assim, o processo de aprendizagem depende da qualidade da experiência vivenciada, pois, “não basta insistir na necessidade de experiência, nem mesmo em atividade do tipo de experiência. Tudo depende da qualidade da experiência por que se passa” (DEWEY, 1971, p. 16, grifo do autor).

Ainda que se considere um aligeiramento do processo, quando se vivenciam experiências repletas de situações favoráveis à aprendizagem é importante não esquecer que há uma relação da experiência com uma perspectiva quantitativa, que só o tempo pode definir. Neste sentido, Dewey chama a atenção que para cada caso há uma dependência da continuidade, o que ele chama de continuum experiencial.

O processo educativo é idêntico a crescimento, compreendido como o gerúndio crescendo. Crescimento, ou crescendo, no sentido de desenvolvendo, não apenas física mas intelectual e moralmente, é um exemplo do princípio de continuidade. [...] Ao passar o indivíduo de uma situação para outra, seu mundo, seu meio ou ambiente se expande ou se contrai. Depara-se vivendo não em outro mundo mas em uma parte ou aspecto diferente de um e mesmo mundo. O que aprendeu como conhecimento ou habilitação em uma situação torna-se instrumento para compreender e lidar efetivamente com a situação que se segue. (DEWEY, 1971, p. 27, 37).

A afirmação conduz à situação do curso de Licenciatura em Música PARFOR. Em dois anos o estudante é levado a uma transação extremamente radical para suas convicções e princípios sobre o ensino de arte e/ou música, e pesada, ao ter que assumir uma interação com a linguagem de forma sistêmica e organizada. A experiência dos estudantes professores promove uma problematização, já que, embora tenham vivência como docentes da Educação Básica e experiência não acadêmica com a música, um semestre de curso com atividades educativas musicais, se configura como um desafio temporal para o estagio supervisionado, uma provocação entre ordem e desordem cognitiva. Souza (2012) explica a dificuldade natural para todos os participantes do curso PARFOR a partir do grande desafio relacionado ao tempo:

Atuar no PARFOR torna-se um desafio dobrado, para alunos, tanto quanto para professores. Os alunos precisam estudar e superar as dificuldades com todas as disciplinas, porque a maioria não teve nenhum contato com o ensino de música e/ou a reflexão sobre questões relacionadas a ele. E devem se desdobrar para arranjar tempo para isso, visto que durante os dias da semana trabalham, aos sábados e férias têm atividades na universidade. Os docentes têm que firmar uma proposta pedagógica que atenda a um tipo de formação de professores especialistas, que não possuem um tempo suficiente para vivenciar música e seu ensino. (SOUZA, 2012).

Nesta direção relatando sobre outro curso PARFOR, Georgieva explica: “o ensino de música exige um espaço de tempo muito maior do que o oferecido pelo PARFOR para compreensão e vivência do conteúdo relacionado a música, que é predominantemente prático” (BARROS, NASCIMENTO e GEORGIEVA, 2012).

Destaco a necessidade de tempo e de experiências práticas para que o conhecimento musical sistematizado alcance um nível de amadurecimento e se consolide na pessoa. É muito importante que se tenha a oportunidade de continuidade do desenvolvimento para se adquirir uma bagagem musical mais sólida e, conseqüentemente, aumentar o leque de possibilidades musicais.

Mas esta situação, se tratando do PARFOR, fica extremamente difícil, pois o tempo de formação é muito pequeno; dois anos que pretendem envolver o professor estudante no mundo acadêmico de música, ao mesmo tempo que o torna um professor da área. Assim,

o estágio supervisionado constitui-se uma etapa fundamental no processo de desenvolvimento de professores de Música, caracterizado, sobretudo, pela inserção do licenciando na escola. Essa particularidade favorece uma aproximação com a profissão, uma visão da dinâmica da escola e do trabalho do professor, da relação com os alunos e outros professores. Além disso, amplia a possibilidade de discussão com seus colegas de curso e com o professor orientador de estágio, multiplicando as oportunidades de fortalecer o processo formativo. (BUCHMANN, 2008, p.29).

Pode-se argumentar que o estudante professor do curso PARFOR já possui conhecimento da dinâmica da escola e das relações com alunos e gestores escolares. Isso é verdadeiro, e favorece muito a realização do estágio, na sua missão de introduzir o estudante no ambiente escolar. Por outro lado, o professor de música na escola não é mais somente professor de música como um professor de conteúdo específico. Enquanto profissional o professor de música necessita de muitos saberes além de seus conhecimentos específicos, o que o torna plural, pois “saber conteúdos

é um dos saberes considerados imprescindíveis à profissão de professor” (OLIVEIRA, 2011, p. 57).

Foram semanas de envolvimento com os planejamentos dos estudantes professores, nos quais, as posições pedagógicas, aparentemente, não pareceram problemáticas e o que mais preocupava era como o entendimento musical das situações de ensino estaria alcançando as crianças e adolescentes, seus alunos, já que importava o que ficaria marcado para estes com a aula de música.

Estes são os dois aspectos mais importantes na diminuição do isolamento, no estabelecimento de uma relação - a criança vir para a escola com toda a experiência que adquiriu fora dela e deixá-la com algo que pode ser imediatamente utilizado na sua vida cotidiana. (DEWEY, 2002, p. 72).

Afirmar que as posições pedagógicas, aparentemente, não pareceram problemáticas porque achava que os estagiários, já sendo professores, não teriam dificuldades de trato com as crianças ou adolescentes na gestão de sala de aula, nos procedimentos a serem assumidos, na relação com a administração escolar e demais professores. A tranquilidade com estes elementos foi relativa, pois o fato dos estudantes professores estarem se vendo pela primeira vez como professores de música, trouxe muitas dúvidas, que eu, como formadora não imaginava que aconteceriam. Como exemplo aponto a surpresa tida ao ouvir de uma estudante professora que não sabia como manter os alunos calmos, com disciplina na aula de música. Acostumada com uma turma tranquila, que já a conhecia, quando passou a entregar instrumentos para as crianças ou dispô-las fora da posição habitual, sentadas em suas carteiras, sentiu um choque. Outro exemplo é do estagiário que não sabia como lidar com o professor do projeto presente em sala de aula, no momento em que estava à frente dos trabalhos. Uma estagiária expôs sua insegurança num relato:

O que constatei no decorrer do meu estágio foi a falta de “amadurecimento musical”, fiquei insegura em alguns momentos e isto refletiu muito na hora de expor com clareza conceitos musicais. Não estou me referindo a falta de domínio com a turma, mas sim a falta de domínio pessoal no campo teórico e vivências musicais. Desabafar isto não é fácil, mas é necessário. (Relato IV).

Estas reações me reportaram a outras situações, em que estagiários inexperientes com a escola sentiram as mesmas coisas.

Assim, essas questões que causam insegurança na regência de aula me fizeram refletir. Ao mesmo tempo que as reações são normais para um professor que se vê trabalhando determinados saberes pela primeira vez, ainda construindo seu conhecimento musical, a natureza do saber em questão, a música, por não ser comum nos fazeres escolares pode ter contribuído para os acontecimentos.

Admito que a impotência da música enquanto saber escolar, mesmo conduzida por professores profissionais, causa transtorno, pois ainda carrega um marco que precisa ser modificado, por não ter relevância para as atividades da escola. Como afirma Proa,

A relevância ou a validade de determinado saber não precedem a sua eventual institucionalização ou o seu reconhecimento: o que o coloca em situação de ser transmitido não é a sua importância intrínseca; é precisamente o fato de ser ou não ensinado que lhe irá conferir valor. Em outras palavras: não se ensina o saber porque seja importante; ele é importante porque se ensina. (PROA, 2004, p. 65).

Seguindo este pensamento, posso entender que o sentido do ensino de música para os estudantes professores PARFOR, talvez, não esteja claro, pois suas posturas não se diferem dos estudantes estagiários não profissionais, de um curso regular. Percebo que a música ainda não está substantivada para os estagiários PARFOR, não tendo ainda o sentido dos saberes que a façam significativa como saber profissional.

A Experiência de Orientação de Estágio no PARFOR

O estágio curricular supervisionado no PARFOR funciona com aulas teórico-práticas na universidade, orientações de estágio e docência em música dos estudantes professores nas suas respectivas escolas, em projetos ou nas aulas de Arte.

Em razão da oferta do curso de Licenciatura em Música PARFOR nos finais de semana, para professores de diferentes cidades, a proposta deixa o orientador de estágio com dificuldade para acompanhar seus orientandos nas escolas. O professor formador, que durante a semana se dedica às atividades universitárias de diferentes naturezas, não tem tempo e condições de viajar para acompanhar seus orientandos do PARFOR nas escolas da região; é impossível visitar e observar as aulas de seus orientandos, que trabalham em escolas de diferentes municípios. Os relatórios e gravações, quando autorizadas, são as principais fontes de informação a respeito dos trabalhos desenvolvidos nas escolas.

Por esta razão, os planos de aula passam a ter extrema importância, pois além de registrarem as situações de ensino pensadas para serem colocadas em prática nas aulas dos estagiários, aponta o pensamento dos mesmos sobre como deveriam funcionar as aulas e suas relações com as crianças. Como não havia tempo para orientação durante as aulas em grupo dos sábados, quase todos os momentos desta relação foram feitos a distância. Semanalmente, os estagiários enviavam seus planos e respectivos relatórios por e-mail, com o que eu dialogava tentando, ao máximo, entender as situações possíveis naquelas circunstâncias planejadas. Muitas vezes devolvia o plano de aula com correções e questionamentos apontando inconsistências, incoerências e dificuldades de realização solicitando ajustes ou uma nova proposta. Na grande maioria dos casos o estagiário colocava certa atividade sem ter muita noção das condições e/ou consequências musicais que aquilo acarretaria; daí a grande importância das minhas reflexões e da compreensão dos estagiários ao planejamento analisado.

A maior dificuldade que tive durante o estágio foi a elaboração dos planos de aula, pois não tinha o conhecimento necessário para organizar os conteúdos e objetivos de música para a construção do plano, então tive que pesquisar bastante até achar uma forma de montá-lo corretamente. (Relato III).¹

Realizar os planejamentos de cada aula foi muito interessante, pois eu sempre ia pensando na aula anterior. (Relato II).

Foi gratificante verificar o entendimento dos estudantes professores a respeito de suas aulas e interessante assistir alguns vídeos em que a prática era demonstrada. Nesta situação pude constatar o quanto alguns professores estavam envolvidos com a música enquanto saber, embora principiantes. Alguns relataram:

Tenho pensado mais em música como estagiário do que como aluno e efeito disso é o desenvolvimento dos conhecimentos musicais, talvez não a nível de um aluno do curso regular de música, mas em comparação de mim comigo mesmo. (Relato I).

Durante o período do meu estagio percebi um grande avanço no aprendizado musical, pois foi necessário muito estudo para a preparação das aulas na construção do plano e para a execução das atividades em sala. No início percebi muita dificuldade em passar aos alunos as atividades propostas, por não ter segurança nos conteúdos,

1

– Quatro dos meus orientandos enviaram relatos sobre seu desenvolvimento na disciplina.

após muito treino e estudo, fui me adaptando e melhorando a forma de aplicar as aulas, ficando mais à vontade e tendo mais segurança nos conteúdos de música e melhorando a prática com os instrumentos, facilitando a aplicação das aulas. (Relato III).

Realizar o planejamento toda a semana, e estudar para aplicar as aulas foi um grande crescimento, mas a prática em sala, em que existem as reações dos alunos, a participação, o envolvimento ou não, é que fez a grande diferença na minha aprendizagem com o estágio. (Relato II).

As posturas dos estudantes professores do curso PARFOR me surpreendem, também, positivamente. Alguns relatos mostram o quanto os estágios alcançaram os fazeres escolares:

O estágio foi um grande desafio, pois eu sentia que as aulas de música exigiam estabelecer uma rotina diferente, que eu a princípio não sabia qual era, mas sentia que deveria ser assim. E essa rotina seria construída juntamente com os alunos do 1º ano semanalmente na disciplina de arte. [...] devo destacar que mesmo os conhecendo havia uma diferença entre as aulas de arte que eles já estavam acostumados e as aulas de música, [...] A intenção também é que eles se acostumassem com essa nova rotina, e que não é porque era diferente das outras disciplinas, em que eles ficam sentadinhos copiando do quadro, que tinha que ser levada menos a sério. (Relato II).

As atividades desenvolvidas na aula de música foram vivenciadas pelos alunos de tal forma que no recreio da escola os alunos compartilharam com outras turmas, isto foi muito gratificante. No decorrer do estágio os alunos confeccionaram instrumentos musicais com materiais alternativos e fizeram rodas de ciranda no pátio, mudando a dinâmica do recreio da escola.[...] Houve uma mudança e isto foi positivo. (Relato IV).

Os estudantes professores relataram o quanto eles se sentem transformados com o curso PARFOR.

um acontecimento neste período de estagio que foi importantíssimo e enriquecedor foi pegar uma partitura totalmente desconhecida e transformá-la em “música”, tirá-la de um papel colocá-la nos ouvidos, isso foi incrível. (Relato I).

Sinto que tenho muito que aprender, mas a gente aprende melhor ensinando, então destas pequenas sementinhas que foram plantadas no estágio, espero que ainda nasça muita coisa.[...] O estágio realmente nos faz refletir sobre o que aprendemos na graduação. E o que ficou mais claro para mim foi, “faça para aprender, só se aprende fazendo”. (Relato II)

Considerações finais

Observar os saberes musicais dos estudantes professores do PARFOR diante do desafio do estágio supervisionado num curso iniciado 8 meses antes, foi no primeiro semestre de 2016 uma experiência como orientadora de estágios, que confirmou meu *continuum* experiencial de aprendizagem sobre formação de professores.

Se por um lado a experiência profissional dos alunos do curso, me garantiu segurança sobre como lidar com as características da Educação Básica, por outro pude confirmar a necessidade de uma experiência pedagógica musical específica como alicerce da prática de ensino do professor. O estágio é a oportunidade do estudante praticar e refletir a docência, e este processo que o encaminhará ao entendimento e escolha profissional. Junto, cresce a experiência da prática reflexiva do professor formador, que me leva a sentir a satisfação de tê-la. Como afirma Freire, “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (FREIRE, 1997, p. 43).

Referências

BARROS, Rosemara Staub, NASCIMENTO, Bruno Bastos, GEORGIEVA, Maria Grigorova. Desafios e perspectivas para o PARFOR/MÚSICA/UFAM, no Estado do Amazonas. In: VII Encontro Regional Norte da ABEM - 2012, 2012. *Anais*. Belém: Universidade Federal do Pará.

BUCHMANN, Letícia Taís. *A construção da docência em música no estágio supervisionado: um estudo na UFSM*. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-graduação em Educação, 2008.

DEWEY, John. *Experiência e Educação*. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

_____. *A Escola e a Sociedade e A Criança e o Currículo*. Trad. Paulo Faria, Maria João Alvarez e Isabel Sá. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

OLIVEIRA, Raquel Gomes de. *Estágio Curricular Supervisionado Horas de Parceria Escola-Universidade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

PROA, Sergio Espinosa. *Em busca da infância do pensamento: ideias na contramão da pedagogia*. Trad. e Org. André Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

SOUZA, Cássia Virgínia Coelho de. Segunda Licenciatura: Relato de Experiência com a Formação de Professores em Música no PARFOR. In: XII ENCONTRO REGIONAL DA ABEM CENTRO-OESTE - 2012 / I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO MUSICAL NO DF / I ENCONTRO MÚSICA PIBID E PRODOCÊNCIA DO CENTRO-OESTE, 2012. *Anais*. Brasília: Universidade Nacional de Brasília.

Estágio no PARFOR: reflexões acerca de experiências como orientadora e estagiária

Vânia Gizele Malagutti
Secretaria de Educação do Estado do Paraná - Seed/PR
vmalagutti@hotmail.com

Resumo: Este relato emerge da experiência de orientadora nas disciplinas de Estágio Supervisionado do curso de Música, no Programa de Formação de Professores (PARFOR) da Universidade Estadual de Maringá, e da experiência como orientanda de estágio no curso de Artes Cênicas, do PARFOR da mesma instituição. O objetivo do texto é relatar como se deu o processo de construção de conhecimento durante o estágio em Artes Cênicas na modalidade PARFOR e como isso refletiu em minha visão como orientadora de professores-estagiários no curso de Música. Pode-se observar neste relato que o Estágio Supervisionado no PARFOR, configura-se como um momento e espaço formador, capaz de despertar a crítica reflexiva devido às suas tensões, além de possibilitar um repensar das práticas dos professores na sua área atuação.

Palavras chave: PARFOR; Estágio Supervisionado; Orientador de Estágio;

Introdução

Os cursos do Plano Nacional de Formação de Professores - PARFOR, têm fomentado reflexões tanto nos professores formadores, quanto dos professores estudantes que atuam na Educação Básica, já que nas duas situações, o fazer docente é o alvo. Timidamente, pode-se observar o aumento de relatos e pesquisas acerca desse programa, tanto na música (SOUZA, 2012; RAMOS e BARROS, 2012; SANTOS e FIGUEIREDO, 2013; FIALHO et al, 2015) quanto em outras áreas (FREITAS E JAURRETCHE, 2013; BRAGA, 2015;).

Entendido como um momento de convergência entre os conhecimentos acadêmicos teóricos adquiridos e as multiplicidades das situações vivencias na prática escolar (FAZENDA, 2011), o Estágio Supervisionado Obrigatório faz parte do Núcleo Integrador do currículo dos cursos de Licenciatura do PARFOR. Os estudantes-professores que cursam a Segunda Licenciatura PARFOR, realizam o Estágio Supervisionado ao longo dos dois anos de curso, enquanto desempenham, paralelamente, as atividades de sua primeira área de formação. Neste texto, parte final do Simpósio, apresento algumas reflexões e inquietações sobre o Estágio Supervisionado tendo como ponto de partida a minha experiência como estudante do

PARFOR de Artes Cênicas da UEM, como professora da Educação Básica e como orientadora de estágio de duas turmas do curso de Música na modalidade PARFOR da Universidade Estadual de Maringá. Diferente do texto apresentado anteriormente no Simpósio, dirijo minha atenção aos aspectos que estão além dos conhecimentos específicos em Música, mas que estão em torno da formação dos professores de forma geral.

Como é fazer uma Segunda Licenciatura?

Estranhamento, incomodo, curiosidade, motivação. Talvez essas palavras possam traduzir um pouco do que senti como estudante de Segunda Licenciatura quando me inseri em outra área de conhecimento. No ano de 2011, ingressei como aluna de Segunda Licenciatura PARFOR no Curso de Artes Cênicas na UEM. Embora não tivesse pretensão, como não tenho até o momento, em trabalhar como professora de Teatro, a oportunidade de conhecer uma nova área de conhecimento e participar de um novo projeto de formação de professores proposto pelo Governo Federal me motivou a realizar a inscrição. Não possuía nenhuma experiência com as Artes Cênicas, apenas a admiração pela área.

Foram dois anos estudando aos sábados o dia todo, às vezes até as dezenove horas e nas férias de Janeiro e Julho, além dos trabalhos a serem realizados ao longo da semana para cumprir as disciplinas. O grupo de estudantes era bastante diferente do grupo com que cursei a Licenciatura em música: heterogêneo e intergeracional, com pessoas de diferentes formações acadêmicas (Educação Física, Pedagogia, História, Artes Visuais, Letras, Inglês, entre outras), em diferentes momentos da carreira docente (desde os mais iniciantes àqueles que já estão próximos à aposentadoria) e com idades diferentes. Essas não são características apenas da turma em que estudei, mas das turmas PARFOR de segunda licenciatura em geral.

Tudo isso, a meu ver, torna os cursos do PARFOR um espaço riquíssimo de troca de experiências e reflexões sobre educação, tanto para os professores-estudantes, como para os docentes do curso. Os estudantes do PARFOR trazem a tona discussões profundas sobre o sistema educacional, já que têm a experiência cotidiana na escola, diferente dos alunos que estão em formação inicial.

Mesmo já estando na escola, o estágio supervisionado foi um desafio. Planejar aulas de uma área que não se tem “intimidade”, traz insegurança e a necessidade de

muito mais pesquisas e planejamento. Buscar entender essa área nova, fez com que eu refletisse mais sobre a minha, a Música, já que eu buscava a todo momento referências no que eu já conhecia e já tinha habilidade em fazer. Portanto, o professor orientador sugeriu que eu buscasse relacionar a Música e o Teatro nas aulas. Esse foi um dos pontos que contribuiu para que eu pudesse me sentir mais a vontade, uma vez que é possível realizar trabalhos interdisciplinares entre as duas áreas.

A busca pela ligação da área de Artes Cênicas com a Música também se deu pela sensação de estar negligenciando a minha área, já que o estágio devia ser realizado durante as aulas de Artes, no meu ambiente de trabalho. Em muitos momentos me senti com medo de “mergulhar” em uma nova área e deixar os conteúdos da Música, assumindo a postura de professora de Teatro. Como orientadora, me questionei diversas vezes quando os orientandos tinham dificuldade para se apropriar da música, desligando-se das suas formações: Até que ponto conseguimos nos “entregar” a uma nova área de conhecimento? O quanto, realmente, queremos estudar outra área?

Em alguns momentos do estágio, quando eu obtinha mais sucesso em um jogo teatral do que em uma proposta musical, me sentia profundamente incomodada e até frustrada, logo refletindo sobre como me apropriar daquilo para as aulas de música. Por ter construído com os alunos o hábito de ter aulas fora das carteiras, as aulas com o conteúdo de Teatro não foram problemáticas no sentido de indisciplina, como eu ouvia relatos de alguns estagiários da Música ou mesmo do Teatro quando iniciavam seus trabalhos. Por outro lado, a dificuldade em conduzir uma aula com a naturalidade com a qual eu realizo nas aulas de Música sempre me fizeram pensar na necessidade de uma maior vivência naquela área de conhecimento para tornar-se professor e a fragilidade daquela formação. Em nenhum momento me senti realmente capaz de aplicar o conteúdo com a profundidade necessária.

Todas essas questões foram acomodando-se ao longo das aulas, e pude criar a minha identidade como professora-estagiária nesse novo contexto. As reflexões trazidas coletivamente das experiências dos colegas estagiários-professores, proporcionou momentos em que tive a oportunidade, como afirma Lima (2010), de resignificar saberes docentes, configurando-se como um espaço de reflexão das práticas, a partir das teorias, de formação contínua e de produção de conhecimento.

Colocar-se na posição de orientanda de estágio, quando eu também exercia a função de orientadora na Música, me fez olhar outros ângulos do PARFOR. Embora tenha como objetivo formar professores em outra área de conhecimento, ele apresenta a possibilidade agregar novas ferramentas a sua área de formação. Utilizo muitos elementos das aulas de teatro nas aulas de música, buscando o movimento e a expressão, por exemplo, mas não assumo a postura de uma professora graduada em Teatro por acreditar que preciso de muito mais conhecimento para isso.

Parte dessas reflexões que apresentei também são corroboradas por uma das estudantes da segunda turma do PARFOR de Música, graduada em Educação Física, ao relatar os desafios do estágio supervisionado. Ao desenvolver seu estágio com a turma de educação infantil que ministrava aulas de Educação Física, realizou um trabalho integrado com as duas áreas, utilizando a Capoeira como elemento condutor das atividades.

Durante o primeiro estágio senti muita insegurança, pois não dominava nada desta área, mas fui me sentindo mais confiante com o passar das aulas. No segundo estágio tentei unir a minha área de formação com a música e vi que é possível, uma vez que na Educação Física eu posso utilizar a Música e na Música eu posso utilizar a dança e as brincadeiras. Eu gostei muito de fazer estágio, relembrar algumas coisas que ao passar dos dias da sala de aula vamos esquecendo ou negligenciando e também corrigindo algumas falhas que tive durante a primeira graduação.

Um outro elemento importante do relato acima, é a possibilidade de “corrigir as falhas” da primeira graduação. Voltar a uma Licenciatura possibilita que nós, professores, voltemos a estudar, a escrever, pesquisar, e refletir sistematicamente. No caso do estágio, planejar aula por aula (já que nas escolas planeja-se por unidades semanais ou bimestrais), desmanchando, muitas vezes, práticas docentes “viciadas” ao longo do tempo de sala de aula. Para Lima (2010), o professor no espaço do estágio, “tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito que não apenas reproduz o conhecimento, mas também pode tornar seu próprio trabalho de sala em um espaço de práxis docente e de transformação humana” (LIMA, 2010, p. 132). A possibilidade de atualizar-se e repensar práticas é destacado como um dos fatores importantes na prática do estágio pelos professores, como apresentado por Lima (2010)

A cultura docente, os hábitos dos professores como corpo docente na instituição escolar, seus vícios e qualidades, as influências recebidas e

a forma como vêm reagindo aos impactos das reformas e mudanças que ocorrem no âmbito educacional são fatores que necessitam sempre de renovadas visões. O estágio supervisionado pode ser o espaço em que todas essas questões sejam amplamente discutidas. Dessa maneira a vida, o trabalho, o desenvolvimento profissional, a escola como organização, as experiências e todas as demais relações ocorridas entre a docência e a sociedade acabam compondo um mosaico de partes diferentes da reflexão docente (LIMA, 2010, p. 133).

Nesse sentido, os desafios de orientar um estágio no PARFOR, vai além do conhecimento da área específica, como Música, como abordarei a seguir.

Contrapontos entre Orientanda e Orientadora

Para Pimenta (2010), o “estágio como reflexão da práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na área docente.” (p.103). Esse não é o caso do PARFOR, que, embora o professor-estudante atue em uma nova área, já conhece o cotidiano escolar e sua complexidade. Pimenta (2010), reforça que para os professores atuantes, a experiência no estágio pode ser entendido como um espaço para reflexão sobre sua própria prática, e “se configura, [...] como espaço de reflexão de suas práticas, a partir das teorias, de formação contínua, de ressignificação de seus saberes docentes e de produção de conhecimentos.” (2010, p.129).

As dificuldades com o próprio saber musical, conteúdo que os professores-estagiários devem ministrar, é um dos desafios, como abordado no texto anterior. Talvez seja um dos maiores desafios para a maioria dos estagiários, como foi para mim como estagiária no curso de Artes Cênicas. Como orientadora, minha questão sempre foi: o que fazer com os conhecimentos que esse aluno tem em mãos? Quais as potencialidades desse professor-estagiário que está aprendendo música ao mesmo tempo que ensina? A postura do meu orientador de estágio diante da minha dificuldade em estruturar as aulas de Teatro, me fez refletir sobre a minha postura como orientadora e em como estimular os estagiários a buscarem caminhos que também os satisfizessem.

Além das dificuldades com o próprio conteúdo, orientar o estágio na Segunda Licenciatura é também lidar com a complexidade da profissão professor. Muitos professores que chegam a esse curso já estão há algum tempo sem estudar ou até desmotivados com o desgaste que a profissão causa ao longo dos anos. Braga (2015),

relata as tensões que emergem na disciplina de Estágio Supervisionado no PARFOR de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Segunda a autora, que realizou um estudo de caso com os cursistas

Para a maioria dos cursistas do PARFOR, o estágio ainda se configura como:

CURSISTA 10: [...] desnecessário pois tenho experiência de muitos anos de ensino acumulados.

CURSISTA 17: [...] sinceramente acho que não deveria ter estágio para quem já é professor. Dou aula há quase 20 anos! Acho algo sem propósito (BRAGA, 2015, p. 255).

Tais posturas, de não considerar o estágio uma etapa importante da formação, não foram apresentadas pelos acadêmicos do curso de Música PARFOR da UEM, embora houvesse sempre os relatos das dificuldades de adaptar a rotina aos trabalhos exigidos pela disciplina: planos de aula, relatórios e a própria prática da sala de aula. Isso porque, muitos professores-estagiário, além de professores durante a semana, também são mães ou pais, precisando cuidar, além do trabalho, da família.

Por outro lado, o PARFOR possibilita que o professor volte a estudar e atualize-se. Há professores-estudantes que chegam à universidade sem ter a prática de utilizar e-mails para comunicação, por exemplo, e utilizar as tecnologias já é um dos primeiros desafios para alguns desses alunos. Dessa forma, enviar planos de aulas semanais tornou-se um aprendizado, assim como voltar a escrever utilizando o computador. Como professora orientadora, me senti bastante preocupada com a quantidade de professores que possuem muita dificuldade na escrita, apresentada na elaboração dos relatórios, talvez pela falta de prática, pela falta de tempo na elaboração ou por não considerarem uma prática importante. Nesse sentido, como trazido no relato da aluna do PARFOR de Música, a segunda Licenciatura contribui para melhorar deficiências carregadas desde a formação inicial desses professores.

Considerações Finais

O PARFOR é um terreno rico para reflexões e práticas. Ter a possibilidade de uma classe com professores que estão atuando na escola é um privilégio no que diz respeito as possibilidade da Universidade chegar até a Educação Básica, a meu ver, de forma mais rápida. E ter a possibilidade, como orientador, de relacionar-se com professores que já estão atuando e mesmo assim buscam uma nova formação,

também possibilita ter novos olhares sobre a escola e sobre os profissionais da educação. É importante permitir-se mudar, refletir e querer mudar a escola. Enquanto os acadêmicos que cursam uma graduação regular irão levar o tempo de se inserirem no mercado de trabalho para experimentarem novas práticas e buscar modificações no cotidiano escolar, os estudantes-professores do PARFOR podem fazer isso imediatamente, como em um laboratório.

Embora o PARFOR tenha a proposta de capacitar professores em uma nova área para suprir a falta de profissionais, como professores de Música, acredito que ele também é uma formação continuada já que coloca o professor em movimento para repensar, melhorar e dividir suas experiências. Não encontrei pesquisas que tragam estimativa de quantos egressos de cursos na modalidade PARFOR estão atuando na área de formação que cursou e acredito que, como há investimento de dinheiro público, é preciso verificar se os objetivos do programa estão sendo cumprido e dando resultados.

Entretanto, penso que mesmo que os egressos dos curso de Música e Artes Cênicas (falo deles porque são os cursos que tive contato) não atuem especificamente nessas áreas, abrem certamente canais de comunicação e tornam-se mais sensíveis para que essas áreas artísticas estejam nas escolas. Podemos não ganhar o número de professores que gostaríamos, mas temos muitos aliados para que a Música ocupe mais espaços nas escolas.

Referências

- BARROS, R.; NASCIMENTO, B. B.; GEORGIEVA, M. G.. Desafios e perspectivas para o PARFOR/MÚSICA/UFAM, no Estado do Amazonas. In: ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ABEM, 7, 2012, Belém, PA. *Anais...* Belém: ABEM, 2012. p. 82-92.
- BRAGA, Jacqueline. Estágio Supervisionado no programa de formação de professores: tensões e reflexões. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 9, n. 1, p. 251-261, 2015.
- FAZENDA, I. C. A. *Práticas Interdisciplinares na Escola*. São Paulo: Cortez, 12^a. ed., 2011.
- FIALHO, Vania M. PARFOR, Política pública, formação de professores de música: construção do currículo da licenciatura de 2 anos. In: 9^a CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA E 2^a PAN-AMERICANA DA SOCIEDADE INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSICAL - ISME. *Anais ...Chile*, 2013.
- FIALHO, Vania M; MALAGUTI, Vania G; OLIVEIRA, Andréia P C. Compreendendo o curso de Música - Parfor da UEM: Uma pesquisa exploratória. Simpósio. XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. *Anais...* Natal: 2015.
- LIMA, Maria Socorro. Porque o estágio para quem já exerce o magistério: uma proposta de formação contínua. In: PIMENTA. Selma G.; LIMA. Maria Socorro L (org). *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2010. 5^o ed. (Coleção Docência em formação. Série: saberes pedagógicos).
- RAMOS, Evandro de Moraes; BARROS, Rosemara Staub de. Ensino de Música com TIC. ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ABEM, 7, 2012, Belém, PA. *Anais...* Belém: ABEM, 2012. p. 249-255.
- SANTOS, Priscila Fernandes de Oliveira; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A formação do professor de música em nível superior e o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 21, Pirenópolis, GO. *Anais...* João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. p. 144-153.
- SANTOS, Priscila Fernandes de Oliveira. *A formação do professor de música no programa PARFOR da Universidade Estadual de Maringá - UEM*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.
- SILVA, Mara Pereira da. Música no currículo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. In: ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ABEM, 7, 2012, Belém, PA. *Anais...* Belém: ABEM, 2012. p. 93-98.